

A colorful illustration of a nativity scene. In the center, the baby Jesus lies in a manger, wrapped in a green cloth, with a pink blanket. Mary, wearing a blue headscarf and a blue dress, sits behind the manger. A young boy with a red headband and a green shirt stands next to the manger, holding a wooden staff. To the right, a young girl with blonde hair and a red dress, wearing a white halo and wings, kneels and plays a lute. In the background, a woman with dark skin and a purple dress, also with a white halo and wings, looks on. A yellow dog stands on a pile of hay to the left. A yellow chick is perched on the roof of the stable. A white sheep is visible behind the manger. A grey mouse is on the ground to the left. A brown cat is on a pile of hay in the foreground. A grey rabbit is sitting on the ground. A grey donkey is in the foreground on the right. A wooden ladder leans against the wall of the stable. The scene is set in a wooden stable with a wooden door. The background is a dark blue night sky with stars.

Contato

edição
especial
para crianças

PARA OS PAIS

Feliz Natal! Nesta revista, vocês encontrarão uma coletânea de histórias, atividades, e páginas para colorir que ajudarão a levar o espírito natalino aos seus filhos nesta época tão linda. Estas histórias enfocam o verdadeiro sentido do Natal, promovendo atos de amor e compaixão e inspirando fé em Deus. As páginas para colorir e as outras atividades oferecem aos seus pequeninos divertimento estimulante relacionado ao Natal, que também reforçarão valores positivos. Esta revista, no geral, é direcionada para crianças entre 5 e 8 anos de idade, mas pode também ser adequada para crianças um pouco mais novas. Esperamos que esta revista proporcione à sua família leituras e atividades divertidas e com sentido!

Shannon Richards
Pela sua família Contato



auroraproduction.com

© 2004 Aurora
Production AG
Todos os Direitos
reservados.
Impresso no Brasil.

DESENHOS:
Agnes Lemaire,
Kristen Dufrane

COLORIDO POR:
Doug Calder

DIAGRAMAÇÃO:
David Hackett

LEMBRANÇAS DE UM Sonho de Natal



Christiana Heins

A linda mansão da família Clayton se impunha majestosamente no meio de um gramado perfeito, rodeada de uma cerca viva perfeitamente aparada. Elegantes fileiras de roseiras acompanhavam ambos os lados do caminho que levava à casa, embora estivessem sem flores nessa época do ano. Era uma vista maravilhosa!

No seu interior os ambientes eram ricamente mobiliados e impecáveis — as paredes dos corredores forradas de quadros enormes e as portas de carvalho possuíam entalhes belíssimos.

Carolina, de oito anos, usando um lindo vestido de veludo verde e dourado, estava sentada ao lado da árvore apinhada de presentes e se ocupava contando atentamente os que tinham etiquetas com seu nome.

— Carol, você quer brincar comigo? — perguntou seu irmãozinho.

Sem nem sequer olhar para ele, Carolina respondeu irritada:

— Sai daqui, Léo. Não tenho tempo para brincar com você. Além disso, você sempre estraga tudo.

— Carolina — chamou-a uma das empregadas que estava na sala ao lado. — Você precisa se aprontar para a aula de equitação.

— Não quero montar hoje — foi a resposta preguiçosa.

Com um suspiro a empregada continuou sua limpeza.

Léo entrou mais uma vez no salão, desta vez carregando o ferrorama.

— Carol, não consigo montá-lo sozinho. Você pode me ajudar?

— Já disse que não — retrucou a irmã. — Peça a um dos empregados e não me incomode mais. Você me fez perder a conta

dos meus presentes. Por que não vai contar os seus? Podemos ver quem vai ganhar mais!

— Não quero mais presentes. Só quero brincar com alguém — respondeu Léo todo triste e voltou ao seu quarto.

— Acorda, Carol! Bom dia! — balbuciou uma vizinha. As mãozinhas rechonchudas insistentemente empurravam Carol no ombro sacudindo-a para acordá-la.

— Sai daqui, Léo — resmungou virando-se para o outro lado.

— Eu não sou Léo. Sou o Carlinhos.

— Quem é Carlinhos? — perguntou Carolina ainda sonolenta abrindo os olhos.

Assim que correu os olhos pelo quarto escuro e frio ela deu um pulo da cama. Com certeza aquele não era o seu quarto!

Havia jornal tampando os buracos da parede para não deixar entrar o ar frio. Ela viu cortinas esgarçadas e uma cômoda velha. O quarto era minúsculo e tinha quatro camas praticamente coladas uma à outra. Os cobertores eram remendados e costurados de tão surrados. Olhando pela janela, percebeu que estava numa rua bem movimentada. — Rua das Acácias?! — exclamou ela, ao ler o nome da rua. Onde estou?

Seus pensamentos confusos foram interrompidos por uma vizinha lhe pedindo um favor:

— Você pode pentear o meu cabelo?

Era Carlinhos, com os olhos entreabertos por causa do grande sorriso que tinha, sorrindo e estendendo a mão com o pente na direção de Carolina.

— Vá pedir a outra pessoa. Cadê as minhas roupas?

Ao perceber a camisola surrada que estava usando ficou horrorizada.

— Minha nossa, o que aconteceu com a minha camisola?

CRASH!

Um dos pratos caiu e se espatifou no chão.

Carolina procurou suas roupas pelo quarto. Na cômoda encontrou umas roupas dobradas que, embora limpas, eram remendadas e obviamente bem velhas e surradas. Ela as vestiu.

Carlinhos ainda estava ali de pé, com o pente na mão.

— Por favor? — pediu mais uma vez. Mas Carolina nem olhou para ele.

— Vá pedir à sua mãe. — disse secamente.

Foi então que uma senhora colocou a cabeça para dentro do quarto e cumprimentou Carolina num tom de voz muito amável.

— Bom dia, Carol. Tenho certeza que você teve uma boa noite.

Ela tinha uma fisionomia cansada, mas seu lindo sorriso disfarçava isso muito bem.

— É, eu dormi bem — respondeu Carolina.

— Depois de arrumar a sua cama, você poderia, por favor, servir a mesa para o café? — perguntou a senhora com doçura.

— Mas não é a empregada que faz isso? — respondeu Carolina automaticamente.

Como tinha sido criada tendo empregados para os diferentes serviços na sua casa, pensar em servir uma mesa era um conceito totalmente novo para Carolina.

A mãe ficou surpresa por um momento, e depois sorriu.

— Você deve ter tido um lindo sonho, minha filha! Mas agora precisamos começar o dia. Depois você me conta o seu sonho. O papai vai voltar do turno da noite daqui a pouco e vamos tomar café juntos. Por favor, venha me dar uma mãozinha assim que acabar de arrumar o quarto.

— Papai faz turno da noite? — pensou Carolina em voz alta.

A senhora virou-se com um suspiro.

— Carolina, estou sem tempo para brincadeiras. Preciso de sua ajuda. Depois a gente conversa e você me conta se estiver incomodada com alguma coisa.

Carol concordou e ficou ali em frente à cama com o olhar perdido tentando imaginar como ia arrumá-la. Foi uma tentativa frustrada; a cama ficou toda enrugada e cheia de dobras.

Carlinhos a observava rindo. Carolina franziu a testa e lançou-lhe um olhar fulminante. O garotinho parou de rir e tentou ajudá-la a terminar de fazer a cama.

Carolina saiu cautelosamente do quarto, incerta sobre aonde deveria ir. A casa era pequena e pobre, mas de onde ela estava dava para ver a cozinha e a sala toda decorada com enfeites de natal caseiros. Um fogo forte ardia na lareira, e num canto havia uma arvorezinha com alguns enfeitinhos caseiros também.



Foi à cozinha para pôr a mesa. Começou a abrir todos os armários procurando os pratos, talheres e copos, e logo percebeu que não sabia o que tinha que fazer.

CRASH! Um dos pratos caiu e se espatifou no chão. Um silêncio dominou a casa inteira e todos olharam para Carolina. A família era tão pobre que cada prato contava. Esperando levar uma bronca da mãe, ouviu apenas:

— Junte os cacos com cuidado para não se cortar.

E tendo dito isso voltou para o fogão.

Carolina abaixou para recolher primeiro os cacos maiores e logo se cortou. Começou a chorar de dor, mas a mãe, ao perceber a situação, pegou um pano e amarrou com força o machucado para parar de sangrar.

— Vai sarar logo — disse mansamente.

A menina só conseguiu sussurrar um pedido de desculpas.

— Mariane! — Sua mãe chamou, e logo se aproximou uma menina de uns seis anos de idade de olhos brilhantes.

— Por favor, acabe de pôr a mesa para a sua irmã.

— Está bem, mamãe — respondeu a menininha começando logo o trabalho.

Quando o pai chegou, a família se reuniu para a refeição. Fechando as mãos, todos abaixaram a cabeça para acompanhar o pai numa oração:

— Que o Senhor nos dê verdadeira gratidão por este alimento. Amém.

— Amém — responderam todos, e começou-se a ouvir o barulho de colheres.

Ao provar o mingau Carolina fez uma careta. Não estava doce como ela gostava. Mas, como a fome era muita, comeu uma colherada e depois mais outra. "Ora, não está tão ruim assim." Pensou consigo mesma.

Depois do café da manhã, era hora de lavar a louça. A senhora pediu à Sara, a irmã mais velha, para lavar a louça, enquanto Carolina ficava de olho nos dois menores, Carlinhos e Bete, pois a mãe precisava sair.

— Mas eu ia brincar com a minha... — Carolina começou a responder, mas parou e chamou as crianças para perto de si.

Naquela tarde, depois que voltou do mercado, a mãe procurou Carolina levando uma pequena bacia de água morna e um pano.

— Como está a sua mão, Carol? — perguntou.

— Está melhor. Parou de sangrar, mas ainda dói um pouco.

— Com certeza. Sinto muito você ter se machucado. Vou limpar a ferida para não infeccionar.

A mãe tirou a bandagem com cuidado e limpou o machucado.

— Está tudo bem, Carol? Você parece meio perturbada com alguma coisa.

— É, estou — respondeu a menina.

— Mas por que, querida?

— Não sei — foi tudo que ela conseguiu responder.

— Reparei que você está tendo dificuldades para fazer suas tarefas na casa e está reclamando disso mais do que de costume.

Carol olhou para o chão com vergonha de ter ouvido aquilo, mas sem saber como deveria reagir.

— Quero que você saiba — continuou a mãe,

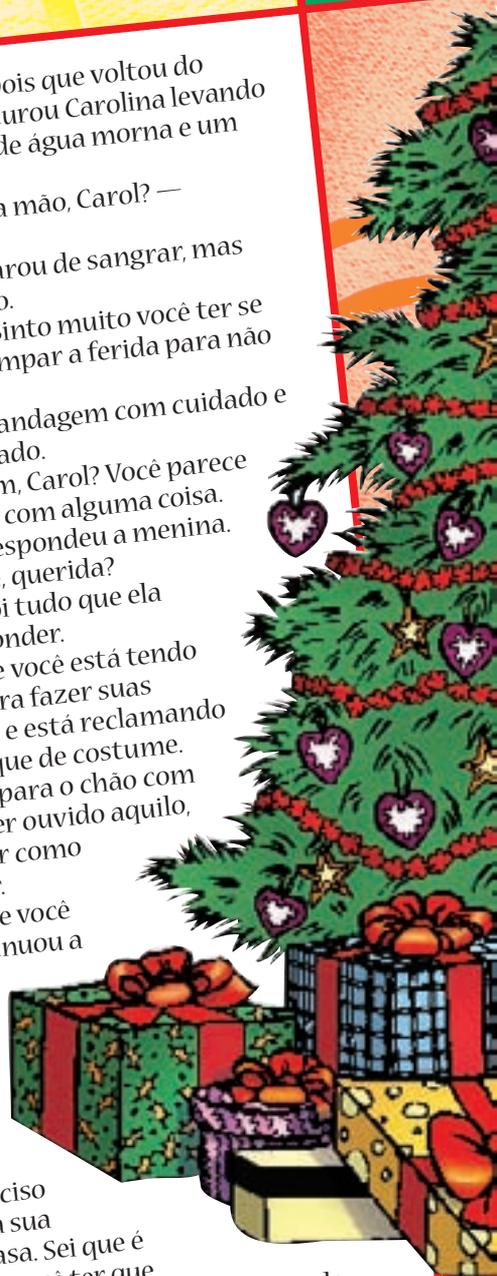
trocando o curativo na mão da menina.

— Quero que saiba o quanto preciso e valorizo a sua ajuda na casa. Sei que é difícil para você ter que

cuidar de seus irmãos menores quando preferiria fazer outra coisa. Você e Sara são muito prestativas e me ajudam bastante.

Nem imagino como seria se não pudesse contar com vocês. Então queria lhe agradecer por me ajudar, até mesmo quando preferiria fazer outra coisa.

Jamais alguém lhe agradecera por ajudar, visto que Carolina nunca tinha se disposto a ajudar ninguém. Ficou sem jeito ao pensar no seu egoísmo.



— **Eu gostaria de dar alguns dos meus presentes para fazer outros felizes.**

DAR PRESENTES FELIZES

— Sei que quer ter a atitude certa, Carol, e entendo que nem sempre é fácil. Muito obrigada por me obedecer assim mesmo e por ser tão prestativa. Eu te amo muito mesmo.

A mãe a abraçou antes de deixar o quarto. Carolina ficou ali sentada por alguns minutos refletindo. *Quero ser mais gentil com as pessoas. Não sei muito bem como, mas tenho certeza que posso fazer alguma coisa para ajudar. Vou tentar ser assim.*

E assim foi o dia inteiro. Sempre que lhe pediam, Carolina ajudava com as crianças e limpava a casa. Ela também ajudou a mãe e Sara a fazerem o jantar. Ela deu duro, mas gostou, pois descobriu que sempre que ajudava alguém ou partilhava algo com outros se sentia bem por dentro. Naquela noite, ela foi para a cama toda contente e satisfeita.

— Bom dia, Carol! Feliz Natal! — Ela acordou com alguém dizendo. Ao abrir os olhos bem devagarzinho, viu Léo ao lado de sua cama. Ela estava de volta ao seu quarto na mansão!

— Como será que voltei? — perguntou pulando da cama.

— Ah, Léo! Deve ter sido um sonho — constatou feliz e sorridente.

— Que maravilha estar de volta. Que bom te ver! — disse dando um grande abraço no irmãozinho que ficou ali de olhos arregalados de tanta surpresa!

— Eu te amo, Léo! Você me perdoa por eu não o estar tratando tão bem ultimamente? Vamos servir a mesa para o café da manhã! — E lá foram os dois para a sala de jantar.

— Feliz Natal, Conceição! — disseram em coro para a empregada que entrava com uma grande bandeja. Conceição ficou tão surpresa ao ver a mesa posta que quase deixou a bandeja cair.

— Muito obrigada por me ajudarem — disse com um sorriso. — Que beleza! Depois de tomarem café, a mãe das crianças perguntou se queriam abrir seus presentes.

Carolina exclamou:

— Mamãe, eu tenho uma idéia! Por que não damos presentes para uma família pobre que não tenha nada de especial para o Natal? Eu gostaria de dar alguns dos meus presentes para fazer outros felizes.

Os olhos da mãe se encheram de lágrimas ao ouvir a sugestão da filha.

— Que lindo você ter pensado nisso, querida!

Pediu então à empregada que preparasse uma cesta de alimentos para dar a uma família pobre. Carol também pediu um saco para colocar os presentes. Conceição saiu dali correndo para fazer o que lhe pediram, de tão surpresa que estava com tudo o que ouvia e via.

Quando Carol estava colocando os presentes numa grande sacola vermelha, Léo se aproximou:

— Também quero dividir meus presentes — disse ternamente.

Carol e Léo encheram a sacola com presentes e a amarraram bem firme com uma fita dourada.

Quando chegaram à casinha simples na Rua das Acácias, colocaram a sacola e a cesta do lado de fora da porta. Carol ficou atrás de um arbusto espiando, quando uma senhora saiu da casa com algumas crianças pequenas, olhando surpresa para o embrulho à porta.

— Vejam o que Deus nos enviou! — ela exclamou muito contente.

Carol sorriu e sentiu um calorzinho gostoso por dentro. Com certeza dava uma boa sensação dividir suas coisas e fazer o bem. 

Pinte o desenho.



Ligue as formas aos seus respectivos lugares na ilustração.



Pinte o desenho e cante a canção.

Numa
manjedoura
e não num
bercinho;
estava o
Menino
Jesus
deitadinho.



Ligue os pontos, começando pelos pontos grandes, depois pinte o desenho.



Circule as duas linhas que têm símbolos musicais iguais.





O REI NASCEU

Deus enviou o anjo Gabriel a Nazaré, uma pequena vila no norte de Israel, a uma mulher que se chamava Maria e estava noiva de José. O anjo apareceu e disse: "Ave! O Senhor esteja convosco!"

Maria ficou confusa com o que o anjo lhe dissera.

— Quem é você, e por que está aqui? — perguntou ela.

— Não tenha medo, Maria. Deus decidiu abençoá-la grandemente. Muito em breve, você engravidará e terá um bebezinho, e o chamará de Jesus. Ele será muito bom e será chamado o Filho de Deus. Apesar de muito surpresa, Maria concordou.

— Eu sou a serva do Senhor, e estou disposta a fazer o que Ele me pedir. Que se realize tudo o que você disse!

E o anjo desapareceu.

Pouco tempo depois, César Augusto, imperador romano, decretou que todo o povo deveria ser registrado. Isto significava que todos deviam retornar ao lugar de origem de sua família, para o censo. José, que estava na pequena vila de Nazaré, na Galiléia, teria que voltar para Belém na Judéia.

José levou consigo Maria, sua esposa, já grávida. Quando chegaram em Belém ela estava prestes a ter o bebê. Não havia vaga nas estalagens, pois a cidade estava lotada de pessoas que tinham ido para o censo. Por causa disso, Maria deu à luz em um humilde estábulo. Ela



cobriu seu filho com um cobertor e o colocou para dormir numa manjedoura; o cocho onde fica a comida dos animais.

Naquela noite, enquanto alguns pastores estavam em um campo fora da cidade, guardando suas ovelhas, surgiu um anjo, e o local ficou todo iluminado com a glória do Senhor.

Os pastores ficaram amedrontados, mas o anjo os tranqüilizou dizendo que não precisavam ter medo.

— Eu lhes trago a melhor notícia que já ouviram! O Salvador; Cristo, o Senhor, nasceu esta noite em Belém! Vocês encontrarão um bebê enrolado em um cobertor, deitado em uma manjedoura!

De repente, uma grande companhia de outros anjos se reuniu a esse, louvando a Deus.

— Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade —, cantaram eles.

Quando esta grande hoste de anjos voltou ao Céu, os pastores decidiram ir a Belém testemunhar o maravilhoso acontecimento do qual foram informados pelo Senhor. Correndo à cidade, encontraram o lugar onde estavam Maria e José, com Jesus deitadinho na manjedoura.

Os pastores contaram a todo o mundo o que havia acontecido, e o que o anjo lhes dissera sobre a criança. Todos que escutaram a história dos pastores ficaram muito surpresos. Eles então retornaram aos campos para cuidar de seus rebanhos, agradecendo a Deus pela visita dos anjos, e por terem visto a criança, exatamente como o anjo lhes anunciara.



Jesus nasceu durante o reinado do Rei Herodes da Judéia. Reis Magos vindo das terras do Oriente chegaram em Jerusalém pedindo informações sobre o nascimento do rei dos judeus.

— Nós vimos a Sua estrela lá longe no Oriente, e viemos para adorá-lo.



O Rei Herodes convocou uma reunião com os líderes religiosos dos judeus.

— Por acaso os profetas disseram onde o Messias nasceria?

— Sim, em Belém. O profeta Miquéias escreveu: “Ó tu, pequena cidade de Belém, de ti se levantará o governador para reinar o Meu povo de Israel.”

Depois de ter encontrado com o Rei Herodes, que não ficou nada feliz com a notícia do nascimento de um novo rei, os reis magos retomaram viagem. A estrela no céu continuou orientando-o e os conduziu à criança. Que felicidade eles sentiram ao chegar lá!

Entrando na casa onde se encontravam Maria e seu filho, prostraram-se diante dEle e O adoraram, entregando então seus presentes: ouro, incenso e mirra.

Quando partiram de volta para seu país eles não passaram por Jerusalém para dar notícias a Herodes, pois Deus os avisara através de um sonho que deviam ir por outro caminho.

(Adaptado de Lucas 1:26–38; 2:1-20; Mateus 2:1-12.)

Jesus veio ao mundo para nos dar amor e felicidade para sempre. Você pode recebê-lo como seu Salvador repetindo esta simples oração:

Querido Jesus, por favor, entre no meu coração. Obrigado por vir à Terra por mim e por perdoar os meus erros. Eu Lhe agradeço por poder um dia viver com Você no Céu. Ajude-me a aprender a ser como Você — gentil e amoroso para com os outros. Amém.



Acabe de desenhar o que falta.



A Casa que Reluzia



Autor anônimo

Era véspera de Natal, e o pobre Joãozinho, sem lar ou família, vagava cansado pela neve. O seu casaco estava esfarrapado e encharcado com a neve derretida. Os seus sapatos estavam gastos e descosturados, de modo que os seus pés estavam dormentes por causa do frio. O seu gorro, bem puxadinho sobre as orelhas e testa, tinha um rasgo enorme que deixava passar o vento cortante. A noite chegou e o pobre menininho desabrigado continuava andando triste e solitário. *Quem me dera encontrar um lugar onde me abrigar e aquecer, e onde alguém me desse comida e algo quentinho para beber!*

Aproximando-se da floresta viu uma cidadezinha lá embaixo no vale, e várias casas bem grandes nas colinas ao redor. As luzes cintilavam nas janelas, enquanto a fumaça de muitas chaminés, subindo, se misturavam com o céu escuro. Joãozinho encheu-se de esperança. Sentiu que finalmente ali, entre tantas casas lindas, com certeza encontraria alguém para cuidar dele. Andou mais rápido ainda, impelido pela confiança de que seus problemas estavam chegando ao fim.

Pouco tempo depois estava à porta de uma grande e fina moradia. Pelas janelas percebia-se muitos cômodos iluminados e a porta da frente com uma luz bem forte. Sem dúvida alguma as pessoas que têm condições de morar numa casa assim devem ter muito dinheiro, e teriam imenso prazer em ajudar um pobre menininho faminto. Corajosamente se dirigiu à porta e, ficando na pontinha dos pés, conseguiu

tocar a campainha. Apertou bem forte e fazia tanto barulho lá dentro que ele ficou assustado. Mas ficou ainda mais assustado quando a grande porta de madeira maciça se abriu e deparou-se com um homem bem alto, usando roupas finas.

— Foi você quem tocou a campainha? — perguntou o altivo mordomo, franzindo as sobrancelhas.

— S-s-s-sim — disse Joãozinho gaguejando. — Estou com muito frio e com muita fome, e achei que vocês...

— Estamos na véspera de Natal — disse o mordomo rispidamente — e a casa está cheia de convidados. Sinto muito, mas não temos tempo para nos preocuparmos com gente do seu tipo no momento. Boa noite.

E a porta se fechou.

— Eu nunca pensei que alguém fosse fazer isso. Mas talvez eles estejam ocupados demais aqui. Vou tentar outro lugar.

Passou então direto por todas as outras casas, achando que as pessoas lá dentro também estariam ocupadas demais para cuidar de menininhos famintos na véspera de Natal, e entrou na cidadezinha propriamente dita.

Quando chegou à primeira casa do vilarejo, ouviu o barulho de música e risos, e certo de que as pessoas que moravam lá deviam ser bem amistosas, bateu gentilmente na porta. Mas o barulho era tanto que ele teve que bater e bater e cada vez mais forte.

Finalmente a porta se abriu, e apareceu um jovem com um chapéu de papel esquisito.



— Com licença —
disse Joãozinho, — será que você poderia...
— Sinto muito — respondeu o jovem,
— mas estamos tendo uma festa de Natal e
não podemos parar agora.
— Mas por favor, por favor! — implorou
Joãozinho.
— Sinto muito, boa noite! — disse o jovem
batendo a porta.

Terrivelmente decepcionado, Joãozinho
foi à casa seguinte, mas lá também o
barulho era tal que, por mais forte que
tenha batido, nem o ouviram.

Na casa seguinte, um velho ranzinza
simplesmente lhe disse para voltar logo
para casa e deixar de incomodar os
vizinhos.

Voltar para casa? Como posso fazer isso?
Em uma outra casa lhe disseram para
passar outro dia e talvez pudessem
ajudá-lo; mas ele precisava de ajuda
naquele momento!

E assim, batendo de casa em casa,
ele atravessou a cidadezinha
inteira em busca de abrigo e
comida, mas não encontrou nada.

Quase sem esperança e de
coração partido, ele se arrastou
noite adentro, deixando as luzes
cintilantes para trás. Joãozinho
sentiu vontade de desistir, de tão
cansado, faminto e desencorajado
que estava.

Foi então que olhou para
cima e reparou que estava
passando por uma casinha
velha, tão escura e minúscula
que, se não fosse pelo contraste
do tapete branco de neve, ele
provavelmente não a teria visto. Na
janela uma persiana não a impedia de
detectar luz no ambiente, mas por uma
pequena fresta na porta e em alguns
lugares na madeira passava um pouquinho
de luz.

Joãozinho ficou quietinho pensando no
que fazer. Será que deveria bater ali?

De que adiantaria? Com certeza, se as
pessoas que viviam naquelas casas
enormes, que tinham condições de dar
festas e ter coisas não ajudaram um pobre
menino, como é que as pessoas numa casa
como esta o ajudariam? Não, não adiantava.
Ele achou melhor não incomodar as
pessoas.

Depois pensou outra vez. Ele já tinha
batido em tantas portas, que não ia fazer



mal tentar mais uma. Então entrou pelo caminhozinho coberto de neve no jardim, até à porta e bateu levemente.

Um momento depois alguém abriu a porta com cuidado, e uma senhora idosa olhou para fora.

— Deus do Céu! O que é que você está fazendo aí fora numa noite tão fria?

— Por favor... — começou Joãozinho.

Mas antes de dizer outra palavra, ela já tinha escancarado a porta e o puxado para dentro.

— Coitadinho! — exclamou. — Nossa! Você deve estar com muito frio e fome, e está todo molhado! Vamos tirar essas roupas imediatamente! Espere um pouco enquanto viro a lenha e coloco a chaleira para esquentar.

Joãozinho olhou ao seu redor e viu que a casinha de um cômodo tinha pouquíssimos móveis. A luz que ele vira pela fresta era de uma única vela que estava sobre a lareira. Mas ele não teve tempo para ver mais nada, pois a gentil senhora logo tirou os trapos que ele vestia e, agasalhando-o com um cobertor, o colocou à mesa para saborear uma tigela de sopa bem quente.

Depois disso ela voltou ao fogão para mexer a panela. Enquanto fazia isso, subitamente notou algo diferente e levantou os olhos.

Será que ela estava sonhando ou não vira bem? A luz da vela tinha sido substituída por um brilho lindo e caloroso que parecia aumentar a cada minuto, enchendo cada canto da casinha com um esplendor celestial. Cada peça de mobília desgastada parecia reluzir e cintilar como ouro, como quando Deus encheu o Templo

com a Sua glória. E um rico, olhando lá da sua mansão na colina, de repente exclamou:

— Há uma luz estranha no vale. Olhem! A casinha da viúva Caridosa está pegando fogo!

A notícia se espalhou rapidamente de casa em casa, e logo todos abandonaram as festas, se agasalharam com casacos e xales e correram para ver o que estava acontecendo.

Eles também viram a luz, e quando correram para a casinha da viúva, viram a velha casa reluzindo.

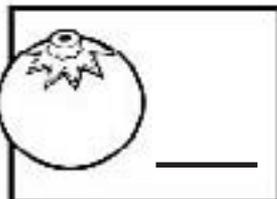
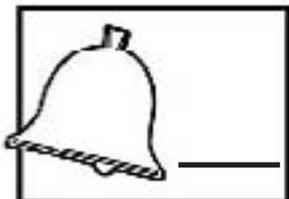
Espreitando, a única coisa que viram foi a querida mulher cuidando do mesmo menininho que batera às suas portas naquela mesma noite.

Quando a luz se desvaneceu, eles bateram à porta indagando, ansiosos, para saber o que acontecera.

— Na verdade eu não sei — disse a viúva Caridosa sorrindo com grande alegria e satisfação. — Mas ouvi uma voz dizendo: “Quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim O fizestes” (Mateus 25:40). 



Quantos, de cada objeto, você consegue encontrar na árvore?
Preencha as lacunas.



Ligue os personagens ao que lhes pertence.
Veja o exemplo:



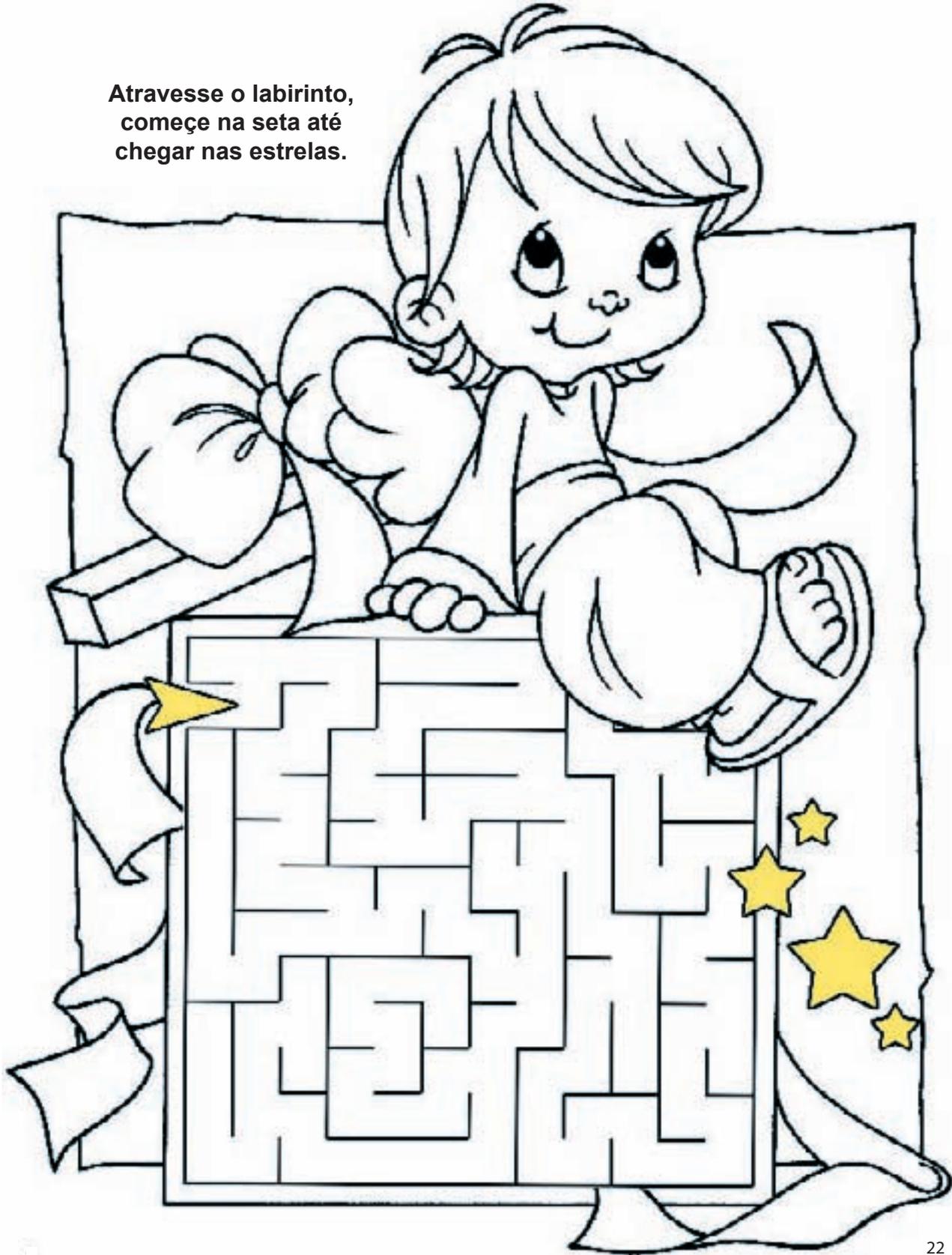
Circule as 5 diferenças nos desenhos.



Ajude o pastorzinho a chegar até o Menino Jesus.



Atravesse o labirinto,
comece na seta até
chegar nas estrelas.



Página de respostas



página 8



página 10



página 11



página 14



página 18



página 19



página 20



página 21



página 22



O PRESENTE MAIS ESPECIAL

Você consegue se lembrar de alguma ocasião em que queria tanto algo que mal agüentava esperar? — E quando finalmente ganhou era ainda melhor do que imaginava? Este é o tipo de presente maravilhoso que Deus nos deu no primeiro Natal.

Desde o princípio dos tempos, as pessoas sempre desejaram algo especial que completasse suas vidas e as deixasse verdadeiramente felizes. Quem pensaria que tudo isso viria na forma de um bebezinho nascido num estábulo em uma terra distante? Mas foi exatamente o que aconteceu.

Deus viu o coração de cada ser humano que Ele criara e cada coração que ainda nasceria, e sabia exatamente o que precisávamos. Então Ele preparou a resposta perfeita, e a enviou ao mundo: Jesus.

— Keith Phillips